

**DOCUMENTO:** Num mundo, onde o que mais importa é possuir e dos povos é a pobreza. No entanto, esta opção, tanto em nível pessoal como em nível social, é uma opção que reflete a crise de nossa sociedade.

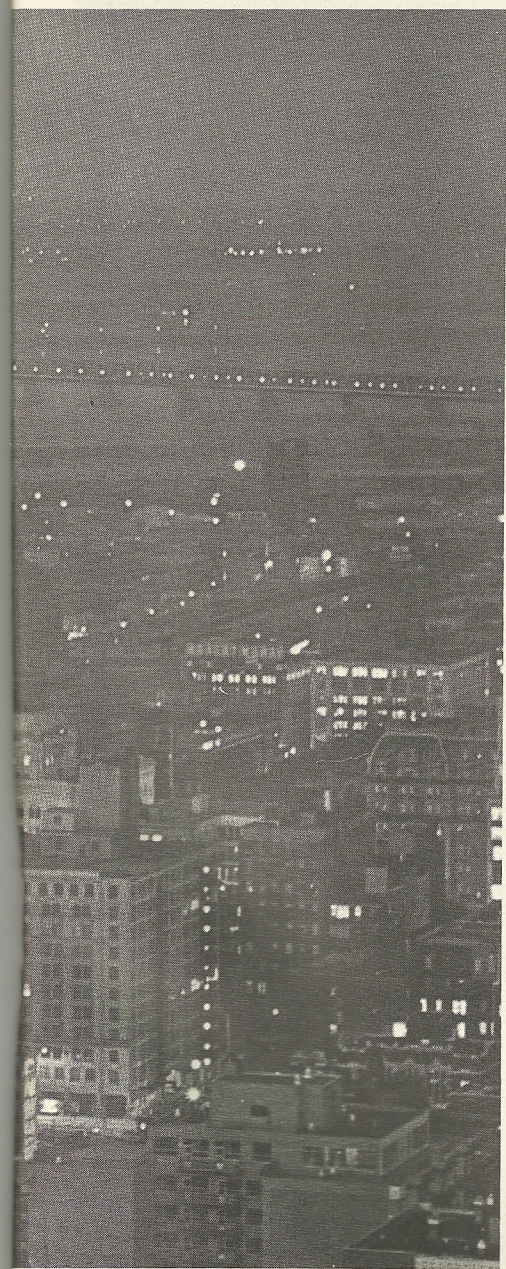
# QUAL É A VERDADEIRA





consumir, pode parecer um absurdo afirmar que a verdadeira riqueza  
al quanto comunitário, pode se tornar a resposta mais válida para a

# RIQUEZA DOS POVOS?



**A** pobreza não é nem a miséria nem a indigência. É a vida cotidiana conquistada com o trabalho. É uma coisa sagrada que devemos respeitar, estimar, procurar». Esta afirmação é do africano Albert Tévoédjéré (veja o quadro), autor do livro "A pobreza, riqueza dos povos". Ele sente a urgência de especificar o que ele entende por pobreza, para distingui-la da miséria, demitizá-la e restituir-lhe o seu significado eminentemente positivo e dinâmico: «A pobreza, eu a concebo operativa, isto é, como uma alavanca para a ação do desenvolvimento, tábuca de salvação num mundo onde é necessário "reinventar o próprio caminho futuro" constantemente. A pobreza assim definida, não sendo mais nem fatalidade nem resignação, mas um valor positivo que deve ser escolhido livremente, interpela todos os povos».

## As raízes deste novo conceito de pobreza

Ele busca as raízes deste conceito entre as diversas civilizações, sobretudo nas grandes religiões, porque «o conceito de pobreza adquire... uma ressonância particular no contexto religioso, que constitui uma realidade para a maior parte dos homens, crentes e não crentes».

E de Gandhi a seguinte afirmação: «A civilização no verdadeiro sentido da palavra não consiste em multiplicar as necessidades, mas em limitá-las voluntariamente. É o único meio para conhecer a felicidade e tornar-nos mais disponíveis aos outros. Querer criar um número ilimitado de necessidades, para ter que satisfazê-las em seguida, é como correr atrás do vento...» E Maomé orava assim: «O Deus, faze com que eu viva pobre e morra pobre».

Olhando a tradição judeu-cristã, o autor cita estes versos dos Provérbios 30,8-9: «... não me des nem indigência nem riqueza, concede-me o pão que me é necessário, para que, saciado, não te renegue, e não diga: "Quem é o Senhor?", ou que na

miséria eu não roube, e não profane o nome do meu Deus». Sucessivamente, após ter explicado o conceito de pobreza em Israel, convida o leitor a deter-se no livro de Jó, no Magnificat, nas bem-aventuranças e, numa nota, cita Lucas no seu "Ai de vós, ó ricos" (Lc 6,24) e a carta de Tiago que diz de uma forma mais explícita: «Agora, vós, ricos, chorai e uivai por causa das desgraças que estão para vos sobrevir... O salário do qual privastes os trabalhadores... clama contra vós e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor» (Tg 5,1-4).

Nesta sua pesquisa o autor não podia certamente deixar de considerar o seu próprio mundo, para colher a sabedoria vital dele: «E eis a sabedoria profunda dos negros de todo mundo, de Benin, da Bahia, de Cuba..., cujos provérbios, cantos e danças exprimem o que significa a pobreza para cada um deles, "o teu pedacinho de terra que desafia a coragem dos teus braços, com as tuas árvores frutíferas ao redor, o teu gado no pasto, todo o necessário ao alcance da mão e a tua liberdade que não tem outro limite a não ser a estação boa ou má, a chuva ou a seca"» (Jacques Roumain).

Mas não basta restituir à pobreza o seu verdadeiro significado. Ela deve tornar-se operativa, penetrar todo o tecido social, permeando-o de valores autênticos, capazes de agir tanto sobre os homens como sobre as estruturas.

Tévoédjéré fala da pobreza que deve chegar ao poder. Parece um paradoxo e no entanto é uma proposta corajosa, quase um desafio que ele lança à humanidade deste final de século XX. Da sua análise torna-se evidente que, se não for a pobreza a subir ao poder, a miséria atingirá um número sempre maior de pessoas. Ele fala longamente sobre o poder para ressaltar dois pontos fundamentais: antes de tudo «o poder deve ser da mesma natureza daqueles que dependem dela» e — igualmente importante — «não existe autêntico poder humano se não for reconhecido pelos homens e se não for a serviço deles». Esta é uma idéia básica do autor. O homem



está no centro dos seus estudos, das suas preocupações e tudo deve ser sempre para o homem, para o seu desenvolvimento integral. O segundo ponto é o seguinte: a pobreza no poder significa também uma escolha de pobreza por parte dos dirigentes: «A opção pela pobreza, predicada e difundida por dirigentes honestos e responsáveis, terá um imenso poder de regeneração da sociedade». Mas, pelo contrário, «se entre os dirigentes não existir a vontade de compartilhar a pobreza, de dar o exemplo, então o povo não levará a sério as declarações de igualdade e de fraternidade».

## Um novo conceito de política

Isto supõe a superação de um conceito de política que já se tornou ultrapassado, ou seja, a política entendida apenas como «técnica para conquistar ou conservar o poder ou para dirigir a economia de cima para baixo». Para o autor, «a política é sobretudo a capacidade que o povo tem de se organizar, a fim de poder criar, criticar, refletir sobre seus objetivos; é colocar em jogo a responsabilidade de cada um para que possa participar e influir na gestão de todas as atividades sociais, por meio das mais variadas formas de delegação e representação».

## Em busca de uma nova economia

No mundo ocidental, os países industrializados encontram-se numa espiral de inflação — estagnação. E os países do Terceiro Mundo, que assumem os mesmos princípios econômicos dos países ricos, defrontam-se com o agravamento de sua situação de dependência e pobreza.

Tal situação, segundo Téoédjré, decorre de certas teorias econômicas que são colocadas em prática, mas cuja validade jamais foi confirmada pela experiência. É preciso, então, «reinventar a economia», baseando-se na experiência de cada povo. Isto implica realizar uma profunda crítica ao saber dominante, aos princípios econômicos que, no fundo, querem apenas justificar a vontade de poder, a luta egoística, a busca do lucro.

Para Téoédjré, «trata-se de retomar os próprios fundamentos da ciência econômica para mudar alguns pressupostos implícitos, como o da prioridade da luta egoística pela vida. O saber econômico deve se estabelecer não sobre premissas de vontade de poder, de busca de lucro, mas com base na boa organização dos grupos humanos».

Uma das consequências desta mudança radical no campo da economia é a de privilegiar as necessidades imediatas da população, e não permitir que o valor comercial dos bens e a produção para o mercado se tornem os critérios e fins de toda economia. De fato, no Terceiro Mundo, os numerosos pobres, desnutridos, mal abrigados, privados de educação, doentes, sem trabalho, apresentam exigências vitais que pedem resposta imediata.

Com isso, Téoédjré propõe um retor-

## Quem é Albert Téoédjré

O grande público talvez ouviu muito pouco o nome de Albert Téoédjré. Mas, sem dúvida, é um nome familiar a quem segue com atenção os estudos e publicações sobre desenvolvimento, a quem se interessa pelos problemas do Terceiro Mundo, a quem observa todos os fermentos que estão surgindo para a construção de um mundo mais justo e humano.

Albert Téoédjré nasceu em 1929 no Benin, um dos numerosos pequenos estados africanos de língua francesa, às margens do golfo da Guiné. Foi Ministro da Informação do seu país e Secretário Geral da União Africana e Malgaxe. Estudou em Dakar e nas Universidades de Toulouse e Friburgo. Ensinou sucessivamente no Senegal, na França e no Benin. Conheceu pessoalmente a maior parte dos países do Terceiro Mundo, passou um longo período nos Estados Unidos e atualmente está em Genebra como diretor do Instituto Internacional de Estudos Sociais e diretor geral do B.I.T. (Bureau International du Travail).

É um homem de vasta cultura, que tem raízes profundas na sua terra, mas aberto aos mais variados estudos. Ele cita agilmente, mas sempre com pertinência e agu-

deza, seja os antigos provérbios e escritores da África negra, seja a Sagrada Escritura ou o Alcorão, Montesquieu, Marx ou Adam Schaff. É necessário penetrar nos seus escritos para colher o vigor das suas idéias, mas sobretudo a ânsia que o invade pela construção de um mundo à medida do homem.

Em 1976, com outros especialistas, foi convidado pelo rei do Lesoto a falar sobre o desenvolvimento internacional. Um black-out repentino (naquele país a eletricidade é fornecida por uma central situada em território sul-africano, pois o Lesoto não dispõe dos meios para adquirir um gerador moderno) causou-lhe impressão tão forte que o obrigou a mudar de assunto. Ele mesmo disse: «Decidi falar sobre a pobreza, defini-la da forma mais precisa e completa, denunciar o modelo de crescimento que quase todos adotaram e que nos torna sempre mais dependentes dos outros».

Em seguida, deu continuidade aos estudos sobre o assunto e chegou a afirmar que a pobreza pode constituir uma riqueza para os povos.

no ao “valor de uso” dos bens, enfatizando-o mais do que seu “valor de troca”: mesmo vivendo num regime de economia de troca, não se pode eliminar a produção de um certo número de bens para o uso direto das populações.

## Novos métodos estatísticos

Neste seu trabalho, Albert Téoédjré não podia deixar de colocar em discussão também os levantamentos estatísticos e os indicadores econômicos usados atualmente.

Como se sabe, «as melhores estatísticas apresentam freqüentemente os mais graves defeitos». É preciso encontrar novos métodos de levantamento e avaliação de dados principalmente porque é necessário medir «não somente a economia dos produtos e dos lucros, mas também e sobretudo a economia do bem-estar da população».

Ainda não se chegou a elaborar tais métodos. Mas grupos de estudiosos estão procurando elaborar um índice do bem-estar popular «que se baseie na hipótese de que as necessidades e os desejos dos indivíduos, no estágio inicial e em nível mais fundamental, são: a esperança de uma vida mais longa, uma luta mais eficaz contra a doença, melhores condições de vida. O índice não mede o volume de esforços gastos para alcançar estes objetivos, e sim o seu grau de realização, isto é, os resultados obtidos».

Mesmo se a estrada a ser percorrida não é nem breve nem fácil, de qualquer

forma é necessário percorrê-la até o fim, porque não se poderá falar de uma economia nova até quando não se tiver obtido resultados apreciáveis também neste setor. «Se a economia conseguir determinar e satisfazer as necessidades fundamentais, se conseguir avaliar para cada contexto um índice de bem-estar popular — e isto compreende não apenas o alimento e a casa, não só o vestuário e a saúde, mas permite também avaliar a cultura, a segurança e a liberdade de espírito — então realmente terá sido reinventada a economia».

## Um novo modelo de desenvolvimento

Muitos países subdesenvolvidos assumiram o modelo de desenvolvimento das sociedades industrializadas. Mas — observa Téoédjré — não se pode dizer que o homem é desenvolvido quando ele «respira um ar poluído, vive no meio do barulho, come alimentos cheios de conservantes e colorantes, trabalha em uma empresa cujos mecanismos desconhece ou não compreende; quando emprega uma grande parte de seu tempo em meios de transportes superlotados e volta cada noite ao cubículo que lhe foi atribuído numa cidade dormitório».

Se esta desumanização já ocorre nos países que se dizem desenvolvidos «por que então — pergunta-se o autor — o Terceiro Mundo deveria se agarrar a um modelo que já está sendo superado e que por vezes é também objetivamente



## **A pobreza, segundo as grandes civilizações e religiões**

**«A civilização, no verdadeiro sentido da palavra, não consiste em multiplicar as necessidades, mas em limitá-las voluntariamente. É o único modo para conhecermos a felicidade e nos tornarmos mais disponíveis aos outros. Querer criar um número ilimitado de necessidades para ter que satisfazê-las em seguida, é como perseguir o vento...»**

**Gandhi**

**«Oh Deus, faça com que eu viva pobre e morra pobre».**

**Maomé**

**«Afastai de mim a falsidade e a mentira, não me deis nem miséria, nem riqueza, mas sustentai-me com a minha ração de pão, porque temo que, saciado, eu vos renegue e diga: “Quem é o Senhor?”; ou, empobrecido, ponha-me a roubar e atente contra o nome de meu Deus».**

**Provérbios 30, 8-9**

**«A cultura de Israel será pobre por causa de sua própria pureza. Sua pobreza será considerada como sua grandeza. Porque grande é aquilo que satisfaz o necessário. Não é a riqueza, mas a fidelidade».**

**Denis de Rougemont**

**«Vestir-se conforme o próprio tamanho, calçar sapatos da medida dos próprios pés, esta é a verdadeira sabedoria».**

**Horácio**

**«A pobreza não era um mal para os romanos. Aliás, consideravam-na como um meio para manter mais íntegra a própria liberdade, não existindo nada mais livre e independente do que um homem que sabe viver com pouco».**

**Bossuet**

*(continua na pág. 20)*

nefasto?» E ele chega a falar de “contra-desenvolvimento”, ao se referir a países que, mesmo dispondo de poucos recursos, não assumem as necessidades essenciais de seus povos, mas utilizam seu potencial em função de objetivos não prioritários, anti-sociais — reforçando, deste modo, os privilégios de certas minorias.

Daqui parte um novo conceito de desenvolvimento: « Só o homem é o motor, o objeto e a finalidade do desenvolvimento, somente ele tem o poder de fazer frutificar as riquezas. São os homens que inventam, criam, organizam, constroem. E, portanto, necessário dar prioridade ao planejamento dos recursos humanos. Esta operação inicia-se com o estudo demográfico que nos permite avaliar quantitativamente e qualitativamente o primeiro objeto do desenvolvimento: o homem produtor e consumidor, o ser social que aspira à organização de uma comunidade harmoniosa e solidária». Por isso, todo esforço de planejamento e organização social deve contar sobretudo com as capacidades criadoras do próprio povo, contar com as próprias forças e com os próprios recursos, para atender às necessidades básicas do povo.

O modelo de desenvolvimento baseado nestes três critérios — contar com as próprias forças, com os próprios recursos e com as capacidades criadoras do próprio povo — tem sido designado por “self-reliance”. (literalmente corresponderia a “ter confiança em si mesmo”, “depende de si mesmo”, “auto-suficiência”). Esta palavra indica um desenvolvimento que nasce a partir do próprio povo. Isto não significa excluir a abertura para o exterior. Mas esta abertura é assumida como um complemento, programado e controlado, desta estratégia de desenvolvimento.

Tal modelo de desenvolvimento implica um regime de contenção econômica em que se utilizam os recursos locais para atender às necessidades essenciais do povo. «Não é um plano de austeridade no estilo de uma política conjuntural que exige sacrifícios momentâneos e indesejados. O regime de contenção econômica deve ser concebido, expresso e aplicado numa perspectiva a longo prazo».

### **O trabalho vivo e o trabalho morto**

Segundo este modelo de desenvolvimento, o trabalho — e não mais o capital — será o fator essencial e privilegiado da produção: «De fato, num regime de contenção econômica, o acúmulo do capital não seria mais um fator decisivo do desenvolvimento das forças produtivas. É o trabalho vivo o fator diretamente ou imediatamente decisivo e dominante, enquanto o capital (trabalho morto) não é senão um fator subordinado e secundário». Este enunciado, por si tão simples, é na realidade de um enorme alcance inovador, para não dizer revolucionário.

Esta é a única política possível para satisfazer às necessidades essenciais de to-



## A verdadeira riqueza dos povos

dos, com a ação de todos, com os recursos da terra que pertence a todos. «Esta é uma política simples e coerente e, justamente porque é simples e coerente, é difícil de ser atuada quando já adquirimos certos hábitos, como o de não viver com pouco, de só fazer exigências, de desperdiçar, de não saber imaginar outros modelos e outras práticas».

### A experiência da Tanzânia

A Tanzânia é um país que assumiu o sistema da "self-reliance" em todos os campos. Para Tévoédjirè, esta é a única opção sensata para a África e para outros países do Terceiro Mundo. O autor cita uma declaração de Nyerere, presidente da Tanzânia, que indica uma verdadeira inversão de um modo de pensar generalizado no Ocidente: «Não é o dinheiro e sim o povo que está na base do desenvolvimento. O dinheiro — e as riquezas que este representa — é a consequência e não a base do desenvolvimento. Os quatro pilares do desenvolvimento são: o povo, a terra, uma política justa e um bom governo».

### O contrato de solidariedade

Quase no fim do seu livro, o autor indica o modo de se concretizar suas idéias a respeito deste novo projeto de sociedade. Propõe a elaboração de um "projeto cooperativista" baseado num "contrato de solidariedade", a se estabelecer no interior de cada nação e internacionalmente. Este é o modo possível de se superar o dilema da sociedade atual: ou o capitalismo, ou o socialismo.

A esta altura é lícita uma pergunta: existe alguma possibilidade concreta para a instauração da "República cooperativa", ou ela é apenas uma utopia irrealizável? Segundo Tévoédjirè esta possibilidade existe e é dada pela solidariedade, a única força que «permite a união dos pobres para um enriquecimento coletivo». Mas não deve ser uma solidariedade entendida genericamente, e sim um contrato de solidariedade para uma nova ordem internacional. Trata-se de «um verdadeiro contrato que liga pessoas e comunidades que tenham definido previamente objetivos nobres e precisos, fundamentados na condição humana, vivida e participada juntos». Esta solidariedade deve ser realizada apenas no campo internacional ou deve envolver os povos nas suas estruturas nacionais, nas suas organizações públicas e privadas? A resposta é evidente: «É nos próprios povos, nas massas que são frequentemente oprimidas, que é preciso procurar a força fundamental e o dinamismo po-

**«A pobreza é decente – suas roupas não estão cheias de buracos como o manto do cínico, sua morada é limpa, salubre e segura... A pobreza não é pálida, nem faminta. Como os companheiros de Daniel, ela irradia saúde se alimentando com legumes; tem o pão cotidiano, é feliz. A pobreza é boa e devemos considerá-la como o princípio da nossa alegria».**

Proudhon

**«Austeridade é a virtude que não exclui todos os prazeres, mas apenas aqueles que degradam a relação entre as pessoas».**

Tomás de Aquino

**«Bem-aventurados os que têm o espírito de pobre, porque deles é o reino os céus».**

Mateus 5,3

**«O axioma: ser miserável nesta vida para ser feliz na outra, não tem realmente nada de cristão».**

Gratry

**«Em verdade vos digo: não há ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos e campos por amor a mim e do Evangelho, que não receba, já neste mundo, o centuplo em casas, irmãos, irmãs, mães, pais, filhos e campos, juntamente com perseguições, e no século futuro a vida eterna».**

Marcos 10, 29-30

**«Aqueles que têm posses devem adquirir o espírito de pobre, devem abrir o próprio coração aos pobres, pois, se não o fizerem, as situações injustas não mudarão... Os que não têm posses, os que se encontram em necessidade devem também adquirir o "espírito de pobre", não permitindo que a pobreza material lhes tire a própria dignidade humana, porque esta dignidade é mais importante que todos os bens».**

João Paulo II





**“Não é o dinheiro e sim o povo que está na base do desenvolvimento”.**

tos básicos, proposto pelo “grupo dos 77” em 1974 e melhor definido em 1976 em Nairobi, por ocasião da quarta conferência das Nações Unidas para o comércio e o desenvolvimento. Este programa exige compromissos recíprocos em relação a uma série de objetivos a longo prazo e, portanto, pode ser considerado um contrato de solidariedade, embora deixe muitas questões ainda em aberto.

Esta experiência indica que há ainda um longo caminho a percorrer para se realizar um verdadeiro contrato de solidariedade. No entanto, evidência que a solidariedade negociada é o melhor caminho, mesmo que cheio de perigos, para se reconstituir a dignidade e a autonomia criativa não apenas aos países do Terceiro Mundo, mas também aos países industrializados, na medida em que também eles forem envolvidos diretamente numa reestruturação mundial que implique uma mudança radical dos valores.

### **Prioridade ao homem**

O autor conclui seu trabalho tal como o desenvolveu: com profunda humanidade, dando a prioridade ao homem. Não, porém, ao homem robot ou abstrato, mas ao homem real, histórico, como diria João Paulo II; o homem inserido na sociedade em que se forma, em que vive e à qual está intimamente ligado.

As propostas de Tévoédjirê nascem de seu profundo conhecimento das situações. Mas também, de intuições profundas, como a explicitação da necessidade de solidariedade em nível mundial e, sobretudo, a redescoberta do valor da pobreza. É a partir desta intuição, que o autor faz uma proposta corajosa e esclarecedora: recusar a opulência material para escolher um estilo de vida baseado nos valores autênticos de cada povo.

É um livro muito rico de exemplos concretos, que dão força e forma a propostas originais. Dom Hélder Câmara, no prefácio, observa: «honestamente, não podemos dizer que, aspirando por um mundo mais respirável, estamos nos perdendo na estratosfera».

**Síntese de Reinaldo Fleuri, de um artigo de C. Mulatero — Nuova Umanità — n.º 8.**

*O livro citado neste artigo é de Albert Tévoédjirê: “La pauvreté, richesse des peuples”. Les éditions ouvrières, Paris, 1978.*

lítico que suscitem esta vontade eficaz de solidariedade, capaz de se transformar, depois, em projetos e contratos reconhecidos politicamente». Portanto, antes de tudo deve haver uma solidariedade interna, para poder depois dar sólidas bases à cooperação internacional.

### **As organizações internacionais**

Uma das iniciativas de colaboração internacional que, dentro de alguns limites, já corresponde a certos critérios de um contrato de solidariedade é o programa integrado de elaboração e troca de produ-